

# Dois portugueses libertados dos bandidos armados

N. 29/9/83 p. 8

• Testemunhas do envolvimento da África do Sul

por Mário Ferro (texto) e Carlos Calado (fotos)

Dois cidadãos portugueses, que se encontravam cativos dos bandidos armados há mais de sete meses, foram libertados em 15 de Setembro último por unidades das Forças Armadas de Moçambique (FPLM). Trata-se de Eduardo Regado Ribeiro, de 45 anos, casado e comerciante em Magude, e de Narendra Kumar Bino Bhay, de 26 anos, também casado e técnico de contas da Direcção Provincial da Indústria e Energia, residente em Inhambane. A sua libertação ocorreu aquando de um ataque que as unidades das Forças Armadas realizaram contra uma

base inimiga na Província de Inhambane. Ontem, os dois portugueses, que se encontram em Maputo desde a última segunda-feira, foram apresentados aos jornalistas. No encontro, ambos falaram da sua experiência durante os meses de cativerio: maus tratos, fome, sede, doenças, longas caminhadas a pé e, também, da forma como a África do Sul organiza, financia e apola os bandos armados, comprovando-se que estes são, na realidade, parte integrante do exército do regime racista de Pretória.

teve muitos problemas e foi ficando para trás. Por isso, fiquei sem ter notícias dela. Hoje, uma dupla satisfação, é estar livre e saber que a minha mãe também está livre — afirmou Narendra Bhay.

Em meados deste mês, num segundo ataque das Forças Armadas de Moçambique à base dos bandidos armados, onde os dois cidadãos se encontravam em cativo, Eduardo Ribeiro e Narendra Bhay, com a sua mãe, encontraram a liberdade. Como explicam, foi um ataque de surpresa, bem organizado, que pôs os bandidos em pânico e em debandada.

Visivelmente felizes, e não escondendo mesmo uma certa emoção, por encontrarem em liberdade — graças à intervenção das Forças Armadas, a quem «estamos muito agradecidos» — Eduardo Ribeiro e Narendra Bhay, foram testemunhas de actos de terrorismo e de vandalismo praticados pelos bandidos armados.

Desde o assalto a residências em aldeias e ao roubo de comida e bens pessoais, passando pela destruição de machambas dos camponeses e pelo rapto, tortura e assassinato de homens, mulheres e crianças para fazer engrossar as fileiras do crime, indo até ao racismo, tribalismo e ambição do luxo, da riqueza e do poder — tudo isso são factos que alimentam um dramático relato, afinal a experiência dolorosa que os dois portugueses viveram.

«Os bandidos evitam sempre o contacto com as FPLM. É fácil para os bandidos apontarem-me ao pelo uma bazuka e uma espingarda, obrigando-me a seguir-os, porque estou desarmado, porque sou um homem indefeso. Isso aconteceu com a maioria das pessoas» — disse Eduardo Ribeiro aos jornalistas.

Narendra Bhay, por seu turno, afirmou:

«Os bandidos não têm qualquer ideologia. Vi isso durante o tempo em que fui prisioneiro deles. Só tinham

um dinheiro, só pensam no luxo e na riqueza e não olham a meios para atingir esses fins. Basta dizer que, em duas semanas, morreram 18 pessoas. No que os bandidos chamavam de cadeia, que mais não era um curral.

Para sustentar as suas declarações, Eduardo Ribeiro conta o que lhe aconteceu, logo após ter sido capturado:

«Roubaram-me 85 mil metcalas, uns 1000\$00 portugueses, a caneta e o relógio. O meu camião foi incendiado e o mesmo sucedeu a outros 9 camiões, que foram também capturados pelos bandidos na mesma altura. Eu conduzia o meu camião, que transportava comida e outros artigos para o abastecimento do povo. Tudo o que levava para Panjane foi roubado.

Eduardo Regado Ribeiro, tem cinco filhos menores. Sua esposa, D. Maria Rosa Inquane, esteve estes meses todos sem notícias suas. Apenas sabia que o marido havia sido raptado pelos bandidos armados e pensava mesmo que nunca mais iria ver o pai, dos seus filhos.

«Eu nunca imaginei que um dia pudesse voltar a ver a minha mulher e os meus filhos. Os bandidos faziam-nos promessas de que, em breve, iriam ser libertados e entregues à Cruz Vermelha Internacional. Eram apenas promessas. Mentiam. Só queriam era fazer propaganda à nossa custa» — afirmou Eduardo Regado Ribeiro.

Este cidadão português, é natural da Marinhã, Braga, em Portugal. Há 25 anos que vive em Moçambique. Foi trabalhador do porto e, por motivos de saúde, teve de abandonar essa actividade. Nos anos 60, foi fixar residência na região de Magude, como produtor de gado e olhava pelo comércio do irmão.

«Afinal, estávamos enganados a respeito dos bandidos. Não só eu, como os outros portugueses com quem falei, já depois de ter sido libertado. Os bandidos prenderam-me, porque tinham ordens para prender todos os portugueses. Diziam eles que Portugal estava agora a cooperar com Moçambique no campo militar. Quando me fizeram prisioneiro, os bandidos realizaram uma missa. Fizeram uma fogueira, queimaram tabaco e rezaram aos espíritos. Depois, vieram-me dizer que os espíritos ordenaram que eu ficasse prisioneiro, para ser libertado e entregue à Cruz Vermelha Interna-

cional — afirmou Eduardo Regado Ribeiro.

COMO É QUE FORAM RAPTADOS?

Eduardo Ribeiro conta que em 27 de Dezembro do ano passado conduzia o seu camião, transportando comida e outros artigos para o abastecimento do povo, na estrada entre Magude e Panjane, quando foi emboscado.

«Na estrada, só estavam dois bandidos armados. Depois de me terem feito prisioneiro, obrigaram-me a levar o camião para fora da estrada, para o mato, onde já lá estavam outros oito camiões e umas 100 pessoas raptadas. Após roubarem tudo, depois do saque, deixaram fogo aos camiões e puseram-se em fuga, obrigando-nos a acompanhá-los em longas marchas» — disse Eduardo Ribeiro, que acrescentou:

«Durante o tempo em que estive prisioneiro, passei muito mal. Sofri muito. Fome, sede e doenças. Cheguei a um ponto que estava tão magro, que era tão maltratado, que lhes disse que, em minha casa, os cães tinham melhor tratamento. De base em base, obrigavam-me a percorrer longas distâncias a pé. Tinha sempre cinco bandidos a tomar conta de mim. Quando lá fazer uma necessidade, estava sempre acompanhado. Tinham medo que eu fugisse.

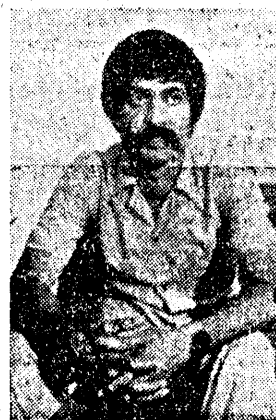
Narendra Bhay disse que foi raptado pelos bandidos armados no dia 2 de Janeiro de 1983, quando viajava de carro, com sua mãe, entre Massingá e Morrumbene. Residente em Inhambane, Bhay deslocou-se a Massingá para assistir às cerimónias funebres de um familiar. Foi no regresso que o carro caiu numa emboscada.

«Os bandidos começaram a disparar de qualquer maneira. Por falta de travões, o carro embateu numa árvore. Depois, só conseguimos abrir uma das portas da frente e por ela sair do interior da viatura. Quando estávamos cá fora, os bandidos mandaram então uma bazuka para o carro, que se incendiou. Devido ao rebentamento da granada, um estilhaço feriu-me na perna» — afirmou Narendra Bhay.

Ferido, delatando sangue abundantemente, ele foi obrigado, juntamente com a mãe, a acompanhar a pé os bandidos. Após muitas horas de marcha e sem que recebesse qualquer tratamento, ele decidiu resgar-se cati-

ças e fazer um toniquete, para estancar o sangue.

«Perdi muito sangue e acabei por desmaiar. Só então é que me puseram uma ligadura. No dia seguinte, rou-



Narendra Bhay

baram um burro para me transportarem para a base. Recusaram fazer um tratamento e assim passei os dias, até ficar curado» — afirmou Narendra Bhay que, já em Maputo, soube que a sua mãe também havia conseguido alcançar a liberdade, durante o ataque feito pelas unidades das Forças Armadas de Moçambique.

COMO CONSEGUIRAM A LIBERDADE?

Muitos meses após os respectivos raptos, Eduardo Regado Ribeiro e Narendra Bhay, vieram a encontrar-se, na sua condição de prisioneiros dos bandidos armados. Foi assim que se conheceram. Bhay, estava acompanhado de sua mãe, uma senhora de 45 anos, mãe de 12 filhos.

«Eu e minha mãe, conversávamos muitas vezes sobre a maneira como poderíamos fugir aos bandidos. Vimos que a única hipótese seria quando as FPLM atacassem os bandidos. Nessa altura, aproveitando a depandada dos bandidos, que acontece sempre nestas ocasiões, poderíamos então emprender a fuga. Foi isso que aconteceu. A minha mãe, devido à sua idade,

A RAS PARTICIPA DIRECTAMENTE

Durante os quase sete meses em que estiveram prisioneiros dos bandidos armados, os dois cidadãos portugueses puderam testemunhar o envolvimento e a participação da África do Sul numa guerra não declarada contra Moçambique. É o regime racista de Pretória quem organiza, financia e apola os bandidos armados.

Segundo o relato dos dois portugueses, por várias vezes ouviram contar histórias sobre a presença dos bandidos, na África do Sul e de «boers» em território moçambicano. Souberam das comunicações via rádio que eram feitas entre os bandidos e os seus cabeceiras, que vivem na África do Sul.

«Eles dizem que os seus chefes, estão em Moçambique, ora em Inhambane, ora em Manica ou Sofala. Mas é mentira. Os chefes dos bandidos estão na África do Sul. Os bandidos recebem os ordens da África do Sul.» — afirma Eduardo Ribeiro.

«Ambos referiram-se que, numa das noites, puderam ouvir o roncar dos aviões sul-africanos. Mais tarde, viram os bandidos a transportar caixotes com armamento diverso para esconderijos.

«Dessa vez, os caixotes foram lançados de pára-quadras. Talvez umas nove toneladas de armamento» — afirmou Narendra Bhay, que explicou, em seguida, que os pára-quadras serviam para fazer tendas.

«O que os bandidos chamavam de oficina estava coberto de pára-quadras. Os bandidos utilizam os pára-quadras como mantas» — declarou Eduardo Ribeiro.

Narendra Bhay, disse que os bandidos fazem transportar os raptados de avião ou helicóptero para a África do Sul, onde vão receber treinos militares. Também a via marítima, segundo Bhay é utilizada na África do Sul.

«Umaz vezes utilizam barcos outros submarinos que ficam ao largo da costa. Depois, vêm em lanchas a gás até à costa, para descarregar as armas e os homens e para levar também homens para a África do Sul a fim de serem treinados» — disse Narendra Bhay.



Eduardo Ribeiro